◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2022

ANO 7 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: TIETA EDER OLIVEIRA DE MELO

De invisível a vereadora reeleita mais votada

Em São Joaquim da Barra, uma mulher trans desafia a política e se torna uma pioneira

REPÓRTER:
GUILHERME CARVALHO

Tieta Éder Oliveira de Melo, 49 anos, mulher trans, vereadora do MDB reeleita na cidade de São Joaquim da Barra/SP com a maior quantidade de votos na eleição municipal de 2020, fala sobre os desafios que precisou enfrentar para ocupar um cargo público. Na entrevista, ela também fala de vivências pessoais, preconceitos nos âmbitos profissional e familiar, lutas sociais, a última eleição e suas expectativas para o futuro político nacional e municipal.

MURAL ENTREVISTA – Neste ano, na eleição nacional, o Tribunal Superior Eleitoral registrou mais de 280 candidaturas de pessoas LGBTQIA+. Analisando o contexto político atual e toda a história social de nosso país, o que isso representa para a senhora?
TIETA MELO – É uma grande vitória. Em 2012 eu era a única candidata LGBT, assumida, de São Joaquim da Barra. Em 2016 já éramos oito e em 2020 já éramos mais de 20 pessoas. Eu me tornei referência para que as pessoas tomassem coragem, para que elas pudessem sair do espaço da marginalização. Isso é muito bom, que venham mais candidatos. Agora temos até um governador que é gay [Eduardo Leite / RS]. Isso prova que uma grande parcela da sociedade quer a inclusão social, não mais a exclusão.

Para a senhora, qual a importância de eleger candidatos LGBT?
Nós ocupamos hoje um lugar e uma posição que outras pessoas não gostariam que a gente ocupasse, principalmente nós, travestis, transexuais e os gays afeminados. Para a sociedade heterossexual, essa é uma posição que nunca quiseram. Temos mais de 120 anos da emancipação de São Joaquim da Barra e eu sou a primeira candidata LGBT que conseguiu se eleger e talvez venha a ser a primeira mulher trans eleita presidente da Câmara Municipal em nível nacional. Mas a luta é diária. Então, a gente tem que ocupar os espaços cada vez mais porque o poder é passageiro, o meu cargo é passageiro, o meu cargo não é meu, é do povo. E que eu possa influenciar outras gerações para que lutem pelos seus direitos. As pessoas acham que surgimos do nada, que chegamos aqui sem nenhum esforço. Enquanto eu fazia parte apenas da invisibilidade da cidade, eu era apenas um número nas estatísticas, mas a partir do momento que eu comecei a ter um corpo, uma voz, eu comecei a incomodar muita gente, mas ainda há muito preconceito e temos que lutar contra isso todos os dias. De que forma? É o que eu falo, estudem, trabalhem e ocupem os lugares mais altos da vida de vocês, só assim conseguiremos mudar essa realidade.

Tendo em vista a notável polarização política que se desdobrou neste ano, qual foi a maior dificuldade que um candidato LGBT teve para convencer os eleitores de que suas propostas eram realmente positivas?
A grande dificuldade de qualquer candidato LGBT é sair daquele conceito de que nós vamos brigar por gênero, pela tal ideologia de gênero. É passar para a população as nossas propostas. Eu não tive voto só da população LGBT, eu tive votos de uma grande parcela da população. Então, nossas propostas não são só pelas causas LGBT, mas também pelos que mais sofrem, a população preta, periférica, as crianças.

Muito se fala sobre uma suposta influência da comunidade LGBT sobre as crianças. Qual a sua opinião a respeito do debate sobre gênero e sexualidade nas instituições de ensino?
Eu acho que a sociedade ainda está muito longe de entender o que é gênero e sexo. Meu gênero é travesti, quando eu sou abordada por esse assunto, eu costumo dizer que eu moro na mesma casa há 24 anos e ali já cresceram várias crianças, muitos meninos, e nenhum deles se influenciou por conta da minha presença. E olha que eu saio de vestido, de drag, eu uso saia, decotes, tenho seios e ninguém virou gay por conta da minha influência. Eu tenho um irmão e uma irmã, ambos são heterossexuais, então o meu gênero e a minha orientação não influenciaram os meus irmãos. Eu faço palestras e muitas vezes eu me deparo com situações em que esses adolescentes já foram molestados sexualmente lá na infância. Qual seria a idade certa para conversar com essas crianças? Sabemos que o maior índice de abuso sexual infantil está no meio familiar, precisamos conversar sobre sexo e

CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA →

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2022

ANO 7 | RIBEIRÃO PRETO

gênero com essas crianças. Mas somos impedidos, principalmente porque levam para o lado religioso do negócio, e aí eu sou bem crítica neste sentido, porque temos vários escândalos de padres pedófilos. Então, até quando temos que esconder a verdade?

Mesmo tendo recebido uma quantidade de votos expressivos, de ter conseguido se reeleger e de ter a aprovação da população, a senhora não fica isenta da LGBTfobia. Como lida com essas adversidades?
Eu fui a vereadora mais votada da cidade, só isso já me dá uma visibilidade muito grande, mas eu ainda escuto muitas coisas. Muitas pessoas não aceitam o fato de eu ser vereadora e de a população LGBT ocupar esses cargos. Ser a mais votada não significa que eu fui aceita, significa que os 1.952 votos são dessas pessoas que se sentiram representadas, em algum momento eu fui a voz que elas queriam. Mas, nós temos mais de 35 mil eleitores, então se a gente for pegar os números, mais de 30 mil pessoas não se sentiram representadas por mim, é uma luta diária, de você firmar e mostrar que é capaz. A cobrança é dobrada justamente porque muitos não aceitam o lugar que eu ocupo. Muitos duvidavam da minha reeleição, os próprios colegas. Os termos "a vereadora" e não "o vereador", "a Tieta" e não "o Tieta", muitos negam me chamar pelo meu nome social mesmo agora estando registrado; afirmam que não conseguem, falam que não conseguem deixar de me chamar de Éder e olha que a Tieta já entrou na minha há muito tempo. Hoje eu não sofro violências físicas como no passado, mas eu sofro violência psicológica que é pior, porque essas violências abrem feridas muito grandes em mim e em todas as pessoas que já tiveram algum trauma de infância.

Segurança e qualidade de vida não são asseguradas para grande parte dos membros da comunidade LGBT do nosso país, especialmente para aqueles que ainda fazem parte de outros grupos minoritários e marginalizados, como moradores de áreas periféricas e a população preta. Como você enxerga essa problemática? Qual seria os principais causadores desse problema social?
Nós temos que mudar a base de tudo. E o que é a base da nossa sociedade? São as nossas crianças! Se a gente não conseguir construir uma consciência social nas crianças que estão vindo, a gente nunca vai conseguir sanar esse problema das desigualdades. E nem falo de desigualdade financeira, porque essa sempre vai existir, a gente pode até amenizar a desigualdade financeira, mas as desigualdades sociais, isso a gente pode melhorar, através do diálogo, aceitação, estudo. Então, precisamos construir novos jovens, que pensam diferente, romper com comportamentos agressivos, de ódio e preconceito. Precisamos mudar a educação primária, para melhorar as condições de vida das minorias sociais ou até mesmo das mulheres, que até hoje sofrem com desigualdades de direitos e oportunidades. A minha opinião é sempre falar sobre essas temáticas e mexer no ensino básico, na tentativa de construir novas gerações.

Você ainda tem esperança de que essa onda de ódio vai passar?
Eu acredito nas pessoas, melhorou muito ao mesmo tempo que retrocedeu nos últimos anos. Eu tenho esperança de que um dia nós possamos ser seres humanos e não ser mais taxados pelo sexo, pelo gênero, raça ou idade. Nós somos únicos, não existe outro de nós e espero que as pessoas comecem a sentir a dor do outro, não julgar a dor do outro se você nunca passou, a gente tem dois ouvidos e uma boca, justamente para ouvir mais e falar menos.

Qual o seu desejo para o futuro político brasileiro, especialmente aqui para São Joaquim da Barra?
São Joaquim da Barra está à margem de uma rodovia muito importante, mas ainda precisa de muito investimento, captação de recursos e principalmente, geração de empregos. Eu acho que quando as pessoas possuem emprego, elas têm dignidade, não dependem de programas sociais, São Joaquim é uma cidade muito promissora, mas precisa de políticos que queiram sair da suas zonas de conforto. A gente precisa mudar esses conceitos, precisamos de políticos que queiram fazer pela cidade, não só pelo status, os cargos passam, mas o que você deixa para o futuro e novas gerações é muito importante. Precisamos continuar batalhando pela inclusão e quem sabe no futuro disputar uma cadeira de prefeita aqui da cidade, estamos analisando o momento certo, mas neste momento, nossa cidade precisa de geração de emprego, precisamos tirar os jovens das ruas. Nossa cidade precisa de moradia, trabalho e precisa intensificar as políticas públicas e nossas ações sociais, prestar apoio para a população LGBT no mercado de trabalho, inclusão de membros da comunidade nas escolas e universidades. Oportunidade de mudar nós temos, mas as pessoas preferem continuar na mesmice e essa mesmice que me incomoda, precisamos romper com o coronelismo na política, precisamos de pessoas novas na política. Está na hora de transferir esse compromisso para os jovens.

Nos últimos anos, vimos o movimento conservador se fortalecer no nosso país, se tratando especialmente do momento político e da forma com que esse movimento se manifesta dentro do cenário político atual, qual a sua opinião acerca deste movimento?
Então, porque houve, na minha opinião, tudo isso que está acontecendo hoje. Elegeu-se um presidente que falou e que fala aquilo que a grande maioria da população tem vontade de falar, mas precisava de um líder, para vir com esse discurso de ódio, esse discurso sempre existiu, só que as pessoas tinham medo por conta das leis, só que agora veio uma pessoa que instiga as pessoas a falarem aquilo que estavam preso dentro delas. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Luciano Filho e Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)